



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Jovens em Conflito com a Lei e as Marcas da Invisibilidade Social: a oferta de um espaço de escuta como potencialidade de se fazer representar
Autor	Patrícia dos Passos Martins
Orientador	ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

Autora: Patrícia dos Passos Martins (IPA) **Orientadora:** Prof.^a Dr.^a Rose Gurski (UFRGS) **Jovens em Conflito com a Lei e as Marcas da Invisibilidade Social:** a oferta de um espaço de escuta como potencialidade de *se fazer representar*.

“Eu não fico triste com nada, sempre tô se drogando. Sou ladrão. Roubo porque ninguém me dá nada. Eu roubo pra viver. Se morrer nasce outro que nem eu. Ou pior, ou melhor. Se eu morrer eu vou descansar. É muito esculacho nessa vida”

A fala acima, retirada do documentário *Falcão Meninos do Tráfico*, evoca exatamente o **objetivo principal do presente trabalho: refletir sobre a invisibilidade que cerca os jovens das periferias e em especial, os adolescentes da FASE**. Essa problematização consiste em um recorte do projeto “*Jovens em Conflito com a Lei, a violência e o laço social*”, realizado na FASE/RS com os meninos em ICPAE (Internação com Possibilidade de Atividade Externa). A pesquisa teve como embasamento teórico a Psicanálise, os escritos sobre juventude e violência e as elaborações acerca do tema da experiência em Walter Benjamin.

Além da invisibilidade perante à sociedade, os meninos apresentam marcas deixadas pela “falta”. Essa falta – de possibilidades, oportunidades, espaço – aparece já na infância, no quesito familiar, e os acompanha ao longo de suas trajetórias. O que também é negado a eles desde cedo é a escuta, o acolhimento de suas dores e também de suas angústias como sujeitos. Diante disso, é importante repensar de que maneiras esses jovens encontram soluções para sua inserção/circulação no laço social. Estariam eles se fazendo visíveis através de seus delitos? Os atos de crueldade seriam um modo de se fazer enxergar/representar? E de que modo isso é recebido pela sociedade? Nesse sentido, acreditamos que os delitos funcionam como uma maneira dos adolescentes se fazerem notar no social, justamente pelo fato de que, muitas vezes, lhes são negados outros modos e espaços de reconhecimento, além daqueles que operam na via da criminalização.

Configurou-se como material empírico do estudo, os diários de experiência dos bolsistas que participaram das oficinas com os jovens na FASE e as elaborações realizadas a partir da leitura-escuta dos textos teóricos e das discussões com o grupo de pesquisa. O tratamento dos dados empíricos (diário da experiência dos bolsistas) no que se refere à coleta e análise foram: a noção psicanalítica de **atenção flutuante** e o conceito do **a posteriori**. Sublinhamos que a metodologia das oficinas com os adolescentes acompanhou a conjugação da escuta psicanalítica, com os **efeitos ético-metodológicos do tema da experiência em Benjamin**.

Entendemos que a escuta pode servir como um dispositivo de transformação para esses meninos. A construção de um espaço que os reconheça como sujeitos, que esteja aberto para ouvi-los para além dos delitos apresentados – ouvir seus sonhos, seus medos, suas angústias – e que valorize suas vivências e experiências pode ser essencial para a criação de novos modos de se fazer representar. Para Benjamin, o novo pode surgir através da narrativa, do sujeito que conta, revive suas marcas/memórias e, em união com o passado, constrói o que ele denomina da dimensão do *novo*. Pensamos que a escuta pode ofertar aos adolescentes essa possibilidade de criação/transformação, operando a quebra da repetição da “*invisibilidade*”, oportunizando pela via da palavra que eles tornem-se visíveis, não pela prática de delitos, mas, sim, por serem sujeitos. Diante disso, sustentamos que a escuta, além de essencial, pode operar como transformadora; por outro lado, sua falta apresenta-se como aquilo que aprisiona o sujeito, como citado em um trecho de *Falcão Meninos do Tráfico*: “*Se eu tivesse uma família pra voltar, alguém pra me escutar, tudo seria diferente, eu podia não tá aqui*”.